

REFLEXÕES SOBRE O DIMENSIONAMENTO DO GÊNERO TEXTUAL DIGITAL AULA *LIVE* NO CIBERESPAÇO

Gecilda de Assis Manga (IFES)
gecilda.manga2019@gmail.com
Iago Pereira dos Santos (IFES)
iagoreisd@gmail.com

RESUMO

Sabe-se que a pandemia de Covid-19 ocasionou o isolamento de todos os sujeitos sociais, logo, estes tiveram que buscar, ainda mais do que já buscavam, estratégias de convivência mediadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). Tal fato, fez emergir no ciberespaço novas formas de linguagem, como as aulas *lives*. Nesse sentido, o texto que segue tem por objetivo principal refletir, a partir do aporte teórico da Linguística Textual inscrita nas teorias de Bakhtin (1997), Beaugrande (1997), Bentes (2001), Marcuschi (2003), Koch (2013; 2011) e Marcuschi e Xavier (2004), como tem se configurado o gênero textual híbrido aula *live* no ciberespaço. Para tanto, se discorre sobre a concepção de texto e tipos e gêneros textuais, também acerca dos gêneros textuais digitais, sobre o conceito e as abordagens da aula *live*, bem como realçar como estes textos têm emergido nas práticas sociodiscursivas que são fundamentadas no ambiente digital. As considerações finais apontaram para o entendimento de que as aulas *lives* configuraram-se como um novo gênero do discurso que surgiu a partir das novas formas de interação social, sobretudo, didático-pedagógicas traçadas pelo contexto da pandemia de Covid-19.

Palavras-chave:

Aula *live*. Linguística Textual. Gênero Textual Digital.

RESUMEN

Se sabe que la pandemia del Covid-19 provocó el aislamiento de todos los sujetos sociales, por lo que debieron buscar, aún más de lo que ya buscaban, estrategias de convivencia mediadas por las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC). Este hecho hizo surgir nuevas formas de lenguaje en el ciberespacio, como las clases en vivo. En este sentido, el texto que sigue tiene como principal objetivo reflexionar, desde el aporte teórico de la Linguística Textual inscrito en las teorías de Bajtín (1997), Beaugrande (1997), Bentes (2001), Marcuschi (2003), Koch (2013; 2011) y Marcuschi y Xavier (2004), cómo el género textual híbrido clase en vivo se ha configurado en el ciberespacio. Para ello, discute la concepción del texto y los tipos y géneros textuales, también sobre los géneros textuales digitales, sobre el concepto y los enfoques de la clase en vivo, además de destacar cómo estos textos han emergido en las prácticas sociodiscursivas que se basan sobre el entorno digital. Las consideraciones finales apuntaron a la comprensión de que las clases en vivo se configuraban como un nuevo género de discurso que emergía de las nuevas formas de interacción social, sobre todo, didáctico-pedagógicas trazadas por el contexto de la pandemia de la Covid-19.

Palabras clave:

1. Introdução

Na pós-modernidade, é quase impossível falar em Educação e não tecer reflexões sobre a importância e o papel das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) para o trabalho educativo, uma vez que elas proporcionam abordagens do processo de ensino-aprendizagem em que aparelhos e mídias digitais passam a ser instrumentos que colocam os sujeitos sociais em contato com o conhecimento socialmente construído. Assim, ressalta-se o poder da *internet* a qual pode ser considerada o grande ápice da Era da Informação, pois com a tecnologia digital permitiu-se a aproximação dos usuários por meio de trocas de informação instantânea, inclusive com imagens e sons.

A partir dela, nasceu uma rede qualificada para se comunicar com todos os símbolos possíveis, sem utilização de um centro de comando. Este processo ocasionou mudanças significativas na sociedade, visto que, estruturou-se de maneira definitiva o novo veículo de comunicação em rede, baseado na cultura de seus utilizadores e nos modelos reais de comunicação. Dessa forma, o novo sistema de comunicação é caracterizado pela sua habilidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais, transformando drasticamente o espaço/tempo, ou seja, as proporções fundamentais da vida humana, os eventos sociais, a interação entre os indivíduos.

Com a flexibilidade que se tem hoje para acessar os variados meios digitais, é possível estabelecer contatos e conviver com as demais pessoas de maneira nunca antes vista. Assim, surgem novas normas de encontro e convivência, não existe mais barreiras, as demarcações são fragmentadas no que tange ao quesito espaço/tempo.

Nesta abordagem, as tecnologias digitais têm revolucionado a comunicação entre os indivíduos, principalmente no contexto em que este texto foi produzido, marcado pela pandemia provocada pela Covid-19. As redes sociais digitais facilitam a troca de informação de maneira instantânea possibilitando práticas sociais variadas que tomaram grandes proporções nesse cenário.

Não foi diferente com as instituições de ensino e aprendizagem as quais, assim como toda a sociedade, tiveram que se adequar a novos modelos de mediação e apropriação do conhecimento socialmente instituído

e disseminados formal e informalmente pela escola. Logo, as salas de aulas tornaram-se plataformas digitais e as práticas de letramento digital passaram a ser mais constantes no processo de ensino-aprendizagem. Assim, com essas mudanças, os sujeitos sociais necessitam aprender a desenvolver novas técnicas, diga-se de passagem digital, para conseguirem se comunicar tanto nos espaços informais como nos formais.

Como a multimodalidade está em alta, novos gêneros textuais vêm surgindo e outros estão sendo redimensionados, uma vez que reuniões, aulas, encontros através de salas virtuais se tornaram “modelos pedagógicos” durante a pandemia, assim, saber manusear as ferramentas tecnológicas digitais é um grande desafio a ser ensinado e aprendido. Nesses ambientes se exige letramento digital, como por exemplo, deixar o microfone mudo, compartilhar a tela, entre outras funcionalidades em uma sala de reuniões do aplicativo *Google Meet*.

Refletindo sobre as mídias sociais e sua capacidade de facilitar as interações sociais, é primordial buscar compreender essa nova maneira de letramento e incluí-lo como uma ferramenta essencial de aprendizagem. É partindo dessas premissas que as reflexões que movem este artigo foram produzidas no decorrer da disciplina de Leitura e Produção de Textos, do curso de Letras Português e suas respectivas literaturas, oferecido pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes).

Nessa acepção, o questionamento principal que favorece o desenvolvimento desta pesquisa consiste em: há possibilidade de enxergar e considerar a aula *live* como um novo gênero textual acadêmico que foi redimensionado?

Logo, o objetivo principal é refletir, a partir do aporte teórico da Linguística Textual inscrita nas teorias de Bakhtin (1997), Beaugrande (1997), Bentes (2001), Marcuschi (2003), Koch (2013; 2011) e Marcuschi e Xavier (2004), como tem se configurado o gênero textual híbrido aula *live* no ciberespaço.

Para tanto, se discorre a concepção de texto, tipos e gêneros textuais, a respeito dos gêneros textuais digitais, sobre o conceito e as abordagens da aula *live*, bem como realçar como estes textos têm emergido nas práticas sociodiscursivas.

Ademais, far-se-á descrições das contribuições das teorias do texto para o estudo em evidência.

2. Texto, tipos e gêneros textuais: abordagem teórica

A Linguística Textual ou do Texto é uma subárea da Ciência da Linguagem que, segundo Bentes (2001), se detém à estrutura do texto como objeto de análise. Isso quer dizer que, para os linguistas textuais, a estrutura do texto é mais relevante do que o sujeito que o produz nas situações sociocomunicativas.

Mas, afinal, o que é texto? Muitas são as definições de texto que são empregadas no discurso científico do campo da linguagem. Pode-se compreender o significado de texto nas palavras de Beaugrande (1997, p. 10) que o caracteriza como “evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”, ou ainda, no estudo da saudosa professora doutora Ingedore Villaça Koch (2011), a qual diz:

Levando em conta a concepção de texto atualmente adotada pela linguística textual, isto é, que todo texto constitui uma proposta de sentidos múltiplos e não um único sentido, e que todo texto é plurilinear na sua construção, poder-se-ia afirmar que – pelo menos do ponto de vista da recepção - todo texto é um hipertexto. O texto se constitui de um conjunto de pistas destinadas a orientar o leitor na construção do sentido; e, mais ainda, que, para realizar tal construção, ele terá de preencher lacunas, formular hipóteses, testá-las, encontrar hipóteses alternativas em casos de desencontros. (KOCH, 2011, p. 61)

Assim, percebe-se o caráter interacional do texto e a possibilidade do leitor poder participar ativamente da construção de sentidos que são propagados por ele. Em resumo, apropriando-se da concepção da linguista do texto Koch (2013):

Texto é uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos coenunciadores, durante a atividade verbal, de modo a permitir-lhes, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação de acordo com práticas socio-culturais. (KOCH, 2013, p. 27)

Para o saudoso professor doutor Luiz Antônio Marcuschi (2003, p. 25), o texto “é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual”. Vale ressaltar que os textos apresentam tipos e gêneros diferenciados que podem no processo discursivo aparecerem tanto de forma oral, escrita, bem como gesticulada. Nesse sentido, sobre os tipos e os gêneros de texto Marcuschi (2003) alega o seguinte:

(a) usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de sequência teoricamente definida de *natureza linguística* de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*.

(b) Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir a *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sociocomunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante (MARCUSCHI, 2003, p. 23) (grifos do autor)

Ainda sobre os gêneros textuais, de acordo com Bakhtin (1997) esses são unidades enunciativo-discursivas das práticas sociais institucionalizadas. Logo, os gêneros textuais se caracterizam pelas suas funções de comunicação, cognição e de instituição de ideias, do que pelas suas peculiaridades linguísticas e estruturais.

Na mesma linha de raciocínio, na acepção de Marcuschi (2003), os gêneros textuais são produtos históricos, que emergem da vida cultural e social, servindo para fomentar as atividades sociocomunicativas do cotidiano. Eles “surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais” (MARCUSCHI, 2003, p. 19). Dessa forma, assim como eles podem aparecer conforme as necessidades de comunicação de uma determinada comunidade linguística, eles podem desaparecer, dando origem a novos gêneros.

Desse jeito, é por isso que Bakhtin (1997) vai chamar a atenção para o processo de transmutação que os gêneros textuais sofrem conforme ocorrem as mudanças nas situações de comunicação, assim, favorecendo o surgimento de um novo gênero.

A partir da teoria da transmutação dos gêneros do discurso podemos mencionar que esse é o caso que ocasionou o aparecimento dos gêneros textuais digitais, devido às nuances do processo de globalização e inclusão digital, pelo qual o uso pelos sujeitos sociais das mídias digitais fizeram com que os gêneros que circulam no ciberespaço fossem ganhando espaço e cristalizando-se nas situações discursivas que se dão por meio do texto digital.

3. Gêneros textuais digitais: que são?

A Revolução Tecnológica advinda do processo de globalização tem suscitado inúmeras mudanças no contexto da sociedade, sobretudo, nas relações entre os sujeitos que nela vivem com as máquinas que foram forjadas para o avanço da pós-modernidade. Fato que corrobora a afirmação, são as relações de dependência e necessidade desses de possuírem as tecnologias, como forma de sobrevivência na sociedade da informação.

O advento da *internet* possibilitou que milhares de pessoas pudessem se conectar e, conseqüentemente, se comunicar, mesmo a quilômetros de distância. Desse modo, o processo sociocomunicativo se aperfeiçoou e novas formas de produção e circulação de linguagens surgiram. Dentre essas novas formas de linguagem que marcam a cibercultura, pode-se citar aquelas que são emanadas por meio dos gêneros textuais essencialmente digitais que anteriormente eram feitas no papel.

Os professores Marcuschi e Xavier (2004), em obra inaugural sobre os estudos de gêneros textuais eletrônicos intitulada *Hipertexto e Gêneros Digitais*, já esboçava que no contexto da cibercultura têm diversos gêneros que podem ser considerados emergentes, pois transitam entre o ambiente virtual e o papel. Exercem funções comunicativas análogas, como no caso do e-mail e da carta.

Os gêneros textuais digitais são aqueles textos multimodais ou multissemióticos, que são produzidos e disseminados pelos sujeitos sociais quando estes estão imersos no meio digital. Nas assertivas de Rocha (2020):

Os gêneros digitais compartilham características relacionadas aos meios virtuais onde são produzidos e veiculados. Exemplificam os gêneros digitais os textos apresentados sob a forma de meme, instantâneo de Whats App, post de facebook, banner digital. Trata-se, pois, de textos dinâmicos, marcados por eventos multissemióticos e definidos conforme a demanda de práticas e ações sociais que se desenvolvem num contexto/suporte específico, a internet. (ROCHA, 2020, p. 242)

Dessa maneira, os gêneros textuais digitais exigem dos sujeitos que deles fazem usos em seus processos comunicativos a habilidade de manusear as mídias digitais, a criatividade, a inserção em uma determinada rede social digital para que haja compartilhamento de textos por parte dos membros desta, dentre outras questões que envolvem o trato com os textos multimodais.

Em síntese, adiante abordaremos as discussões no campo da linguagem envolvendo o gênero textual digital emergente *Aula Live*, o qual ficou amplamente conhecido com a pandemia da Covid-19, servindo de mecanismo de interação, divulgação de conhecimento e até mesmo ensino das variadas modalidades da Educação.

4. Aula live: emergência de um gênero textual digital

De acordo com Almeida (2020), a contemporaneidade vem demarcando um mundo com novos parâmetros, alguns até sem limites. No ciberespaço, ambiente digital no qual a construção do conhecimento humano e a informação se concretizam, são construídas e desconstruídas as redes vivas de todas as memórias e indícios informatizados, ou seja, a tecnologia propicia que novos modelos de produção de ensino e comunicação sejam constituídos, permitindo o surgimento de novos gêneros textuais no cenário da mídia virtual.

Neste sentido, Almeida citando Garofalo (2018), define gêneros digitais como instrumentos educacionais para o processo de ensino aprendizagem. Os gêneros facilitam a interação, por possibilitar condições e finalidades específicas, não apenas pautadas no currículo, mas pela forma de linguagem. Desta maneira todas as áreas do conhecimento são privilegiadas e não apenas a disciplina de Língua Portuguesa.

Logo, no contexto escolar fez-se necessária uma articulação entre a reflexão, a prática, a investigação e a teorias, de forma que proporcionasse transformação na ação pedagógica. Principalmente no período turbulento que a pandemia da Covid-19 causou em todo o mundo. Assim, as *lives* se consolidaram como um ambiente de discussão e aprendizagem que se concretiza entre os indivíduos de toda a parte, sem limitação de tempo e espaço, rompendo as barreiras e limites entre os participantes, uma vez que a gravação do debate fica disponível para serem acessadas no momento oportuno.

Essa faceta das aulas *lives* ficarem salvas em uma plataforma, como por exemplo, o *YouTube*, faz esse novo gênero textual transitar como um gênero documento, já que além de propiciar a interação comunicativa, ele serve de fonte para possíveis investigações e análises científicas.

Desta forma, Fettermann, Benevenuti e Tamariz (2020), iniciaram uma pesquisa de campo em uma plataforma digital, com a finalidade de observar a exibição de *lives* que tinha como objetivo propagar debates

acadêmicos voltados para professores, estudantes de graduação e pós-graduação, ou interessados em começar a caminhada acadêmica. Com o estudo foi possível detectar a realização de variados trabalhos específicos nessa área, incluindo eventos acadêmicos.

As pesquisadoras perceberam o crescimento e relevância das *lives*, e com isso outras iniciativas foram surgindo, os vídeos gerados após o salvamento das *lives* são postados em plataformas renomadas com a finalidade de atingir maiores visualizações e compartilhamento dos conteúdos, divulgando-os em diversos meios. Elas verificaram que determinadas *lives* atingiram um elevado número de visualizações, fora que durante a exibição do programa diversas pessoas de diferentes lugares do Brasil puderam acompanhar simultaneamente o debate.

As autoras afirmam que as reflexões realizadas nas *lives* geram textos como resumos do que foi abordado, e estes, podem se tornar materiais de estudo. Desse modo, o material impresso tem sido sucedido ou complementado com materiais digitais, e os estudos a partir das *lives* alcançaram mais público e mais espaço em mídias sociais. Logo, as discussões, os conteúdos elaborados e publicados online funcionam como iminentes geradores de novas aprendizagens no contexto acadêmico.

Para Fettermann, Benevenuti e Tamariz (2020), esses exemplos revelam que a pandemia colocou em destaque aquilo que já se praticava, ainda que de maneira trivial, em *lives*, postagens em redes sociais ou nas variadas plataformas de aulas online e reuniões. Embora na atualidade haja empenho para determinar uma classificação ou noção de entendimento daquilo que venha ser gêneros textual, as autoras afirmam que mais importante do que classificar é estabelecer os tipos de gênero textual ou gênero discursivo.

Desse modo, Marcuschi *et al.* (2011) relata que as medidas geralmente empregadas para a identificação e investigação dos gêneros são socioeducativas e são referentes à função e estruturação, ao conteúdo e meio de circulação, ou seja, o estudo da comunicação virtual na conjuntura dos gêneros é particularmente pertinente, visto que a interação online tem a capacidade de agilizar a evolução dos gêneros, considerando a essência do meio tecnológico e as formas como se desenvolve.

Ainda segundo Marcuschi (2003), já é corriqueira a concepção de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, intensamente ligados à vida social e cultural. Eles são uma consequência de um trabalho coletivo, pois os gêneros auxiliam a estabilizar e estimular as atividades

comunicativas do cotidiano, uma vez que são entidades sócio discursivas e maneiras de ação social primordiais em qualquer situação comunicativa.

Sendo assim, as redes sociais e os recursos tecnológicos oportunizam a comunicação e o compartilhamento de informações entre indivíduos do mundo inteiro. Em tempo de pandemia e distanciamento social, perfis pessoais se tornaram profissionais, além de surgirem novos perfis com o objetivo de ressignificar a comunicação, que outrora era praticamente presencial. Mas que na atualidade com a *lives* acadêmicas, ambientes online de debates, aulas híbridas, reuniões virtuais, ou seja, os métodos adotados foram reconstituídos, ressignificados de forma a proporcionar interação e participação de todos que tenham interesse pelo assunto.

Portanto, a *internet* transforma drasticamente gêneros existentes e constitui alguns realmente inéditos. A *live*, por exemplo, não é um gênero textual inédito que surgiu recentemente, ela é um gênero que passou por remodelagem, uma ressignificação daquilo que já existia, porém com a inclusão de conteúdos acadêmicos, onde palestras, reuniões, aulas foram introduzidas no cotidiano dos indivíduos de maneira a suprir as exigências da atual realidade. Isso nos leva a crer na teoria da “Transmutação dos Gêneros do Discurso” do filósofo Mikhail Bakhtin (1997), exposta na sua obra *Estética da Criação Verbal: marxismo e filosofia da linguagem*. Assim, a adequação ao novo cenário foi necessária a todos sem exceção, já que saber manusear as ferramentas digitais em tempos de pandemia virou um quesito de sobrevivência.

5. Considerações finais

A questão chave desta pesquisa foi: há possibilidade de enxergar e considerar a aula *live* como um novo gênero textual acadêmico que foi redimensionado? Constatou-se que a aula *live* se caracteriza como uma nova abordagem tecnológica do meio acadêmico, principalmente em época de pandemia, provavelmente ela continuará crescendo mesmo após o “novo normal”, pois as aulas *lives* se mostraram um instrumento eficaz que auxilia a construção e a reconstrução dos saberes, além de aprimorar habilidade e atitudes para concretização de atividades que fundamenta o ensino-aprendizagem. Elas podem ser consideradas gênero textual digital emergente, já que aparentam, mesmo que ilusoriamente, com o gênero textual aula que acontece no ambiente escolar.

Em resumo, diante de diversos argumentos levantados por especialista da área conclui-se que as práticas sociais do cotidiano, transformam as aulas *lives* em importante instrumento que possibilita, não somente, enxergar e considerar, mas compreendê-la como uma ferramenta digital primordial que auxilia no engajamento dos indivíduos e os preparam para lidar com os recursos tecnológicos, além de promover a interação dos debates. Portanto, a aula *live* pode sim ser considerada um novo gênero textual acadêmico que foi redimensionado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Hellen Cristine. Influência das novas tecnologias: linguagens, leitura e escrita. *Rev. Sítio Nov*, v. 4, n. 1, p. 185-98, Palmas, jan./mar. 2020.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*: marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1997.

BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse*: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society. Norwood, New Jersey: Ablex, 1997. Disponível em: <http://www.beaugrande.com/newfoundationsforascience.htm>. Acesso em: 20/06/2021.

BENTES, A. C. Linguística Textual. In: BENTES, A.C.; MUSSALIM, F. (Orgs). *Introdução à Linguística*: domínios e fronteiras. São Paulo-SP: Cortez, 2001. p. 259-301

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FETTERMANN, Joyce Vieira. BENEVENUTI, Clesiane Bindaco. TAMARIZ, Annabell Del Real. Letramento em processo: lives como um gênero textual acadêmico a partir da pandemia da Covid-19. *Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Onlin*, v. 9, n. 1, p. 1-7, Belo Horizonte-MG, 2020.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 7. ed. São Paulo-SP: Cortez, 2011.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo-SP: Contexto, 2013.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. *et al.* (Orgs). *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio *et al.* In: KARWOSKI, A.M.; GAY-DECZKA, B.; BRITO. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011.

_____; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

ROCHA, E. L. e S. S. Gêneros textuais digitais e as atividades de linguagens em sala de aula. *Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades*, v. 8, n. 2, Acre, 2020.